

CONGRESSO HUMANIDADES 2009

IDENTIDADE(S) LATINO-AMERICANA(S): OS EFEITOS DE UMA HERANÇA E OS NOVOS DESAFIOS DA SOCIEDADE ATUAL.

Fronteiras e pertencimento: a idéia de nação em *O tempo e o vento*, *A ferro e fogo* e *Um castelo no pampa*

Lúcia Helena Marques Ribeiro*

Como si nos saludasen
desde lo alto la llegada
a la estremosa región
a la madre más lejana,
viene por los aires altos
como por obra de gracia,
cortando el azul celeste,
la mayor "gente" emigrada.
Vienen, vienen, los pelícanos...
-¿Qué ves, mamá, que no veo
y miras embelesada?
-Para que los veas, párate.
¡Qué lindas recién llegadas!
Son las gentes del mar último,
pelícanos en bandadas.

Emigración de pájaros – Gabriela Mistral

Nascer na fronteira foi provavelmente a razão de prestar tanto a atenção nela. Este trabalho pretende discutir a questão da noção de fronteira e pertencimento assim como o sentido de nação e o seu significado construído a partir de heranças culturais em três narrativas épicas que contribuíram para a construção da idéia de nação ou de *localidade*, no entendimento de Homi Bhabha, "...uma forma de vida que é mais complexa que "comunidade"¹. Érico Veríssimo, Josué Guimarães e Luiz Antonio de Assis Brasil apresentam respectivamente em *O tempo e o vento*, *A ferro e fogo* e *Os senhores do século* a narrativa do mito fundacional de um tempo e de um lugar, sem povo nem fronteiras definidas, chamados de campos neutrais, nem espanhol nem português e que se estabeleceu como a fronteira mais meridional do Brasil.

Escolhi começar o texto homenageando os colegas chilenos com um poema da grande Gabriela Mistral, não só Prêmio Nobel que muito nos orgulha como latino-americanos, mas como uma poeta que tem uma história com o Brasil, humana e triste,

¹ BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p.199.

quando viveu alguns anos em Petrópolis, (entre 1937 1945), no Estado do Rio de Janeiro e onde sofreu a morte de seu filho Juan Miguel. Este poema nos fala da emigração de pássaros o que nos remete ao tema deste evento no qual nos propusemos a discutir identidades e heranças culturais.

Nasci na campanha, extremo oeste do Rio Grande do Sul, fronteira com o Uruguai e a Argentina. Aprendi a falar uma língua formada por um vocabulário de palavras em espanhol e português que para mim era uma única língua, e só mais tarde, aos oito anos, já morando em Porto Alegre, fui entender, duramente, que os gaúchos que não eram das regiões de fronteira ainda não haviam superado a memória de tantas lutas com os “castelhanos” e não aceitavam o ecumenismo da minha linguagem.

Cresci apreciando a diversidade, aprendendo sobre fronteiras culturais e a riqueza das narrativas que traziam universos diferentes do meu. As fronteiras eram mágicas e escondiam atrás da suas linhas divisórias, e para mim, imaginárias, um mundo de possibilidades. O Rio Uruguai foi a minha primeira fronteira, “o rio que corre na minha aldeia”. Do outro lado, uma linha de mata muito verde anunciava o território estrangeiro; do pátio da minha casa ficava horas olhando para aquela terra do nunca, a qual se chegava tão facilmente por uma ponte, que nos ligava a pessoas diferentes e tão iguais, sorridentes, passionais, morenas, andinas, coloridas. A campanha, na verdade, não tem fronteiras, ela se estende como uma paisagem única pelo sul do Brasil, Argentina e Uruguai adentro, com campos que parecem um oceano de tão reto o horizonte, e de vez em quando, uma coxilha surge como uma grande e pacífica onda, e um capão de eucaliptos aqui e ali são como navios parados no imenso deserto verde do pampa.

Nascer na fronteira foi provavelmente a razão de prestar tanto a atenção nela. Esta reflexão, a qual me proponho agora, pretende discutir, dentro das possibilidades do tempo estimado, a questão da noção de fronteira e pertencimento, assim como o sentido de nação e o seu significado construído a partir de heranças culturais em três narrativas épicas como *O tempo e o vento* de Érico Veríssimo, *A ferro e fogo* do escritor Josué Guimarães e *Um castelo no pampa* de Luiz Antonio de Assis Brasil. Essas obras, na verdade trilógias de três autores gaúchos, evocam conceitos discutidos na moderna teoria literária a partir de autores como Benedict Anderson², que discute o nacionalismo

² ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

como uma “cultura moderna”; Linda Hutcheon³, que propõe uma reflexão sobre o pós-modernismo como uma estética resultante da reorganização do homem e das sociedades a partir de conceitos como margem e periferia; Ernest Renan⁴, que define nação como um princípio espiritual ou “a posse em comum de um legado de memórias”; Gayatri Spivak⁵, que prevê um terceiro território na diversidade cultural quando as fronteiras culturais não são tão claras; Simon During e a afirmação de que é a história o elo de ligação entre o pós-colonialismo e o discurso, juntamente com Edward Said⁶, que observa as colônias como responsáveis pelo reconhecimento da existência do “outro” em relação à hegemonia européia, etc. Mas nos deteremos, principalmente, nas idéias de Homi Bhabha⁷ e a construção da idéia de nação ou “nação narrada” ou a nação como discurso construído a partir das narrativas:

“O horizonte empalidecia e as estrelas se iam apagando aos poucos. Em torno da redução os campos estendiam-se, ondulados, sob a luz gris. Alonzo olhou para o nascente e foi de repente tomado dum sentimento de apreensão muito semelhante ao mal estar que lhe deixara o sonho da noite. Naquela direção ficava o Continente do Rio Grande de São Pedro, que Portugal, inimigo da Espanha, estava tratando de garantir para a sua coroa. Um dia, em futuro talvez não mui remoto, os portugueses haveriam de fatalmente voltar seus olhos cobiçosos para os Sete Povos. Fazia sessenta e cinco anos que, com o fim de estender ainda mais seu império na América, haviam eles fundado à margem esquerda do Rio da Prata a Colônia do Sacramento, a qual desde então passara a ser um pomo de discórdia entre Espanha e Portugal. Laguna, posto extremo dos domínios portugueses no sul do Brasil, estava separada da Colônia por uma vasta extensão de terras desertas, cruzadas de raro em raro por grupos vicentistas que, passando pela estrada por eles próprios rasgada através da Serra Geral, iam e vinham na sua faina de buscar ouro e prata, arrebanhar gado e cavalos selvagens, prear índios e emprenhar índias. Metiam-se esses demônios Continente adentro, seguiam o curso dos rios, embrenhavam-se nas matas e, abrindo picadas a golpes de facão e machado, fazendo estradas com os cascos dos cavalos e tropas, iam ao mesmo tempo rechaçando para o oeste a para o sul o inimigo espanhol. Os vicentistas enchiam aquelas paragens com o tropel de seus cavalos, os tiros de seus bacamartes e seus gritos de guerra. Mas quando voltavam para São Vicente, levando suas presas e achados, o que deixavam para trás era sempre o deserto – o imenso deserto verde do Continente.” Do capítulo *O continente* da obra *O tempo e o vento* – do escritor Érico Veríssimo.⁸

³ HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo* – história, teoria e ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

⁴ RENAN, Ernest. What is a nation ? in BHABHA, Romi. Nation and narration.

⁵ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can be subaltern speak? In ASCROFT: GRIFFITHS & TIFFIN (Eds.) *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1995.

⁶ SAID, Edward W. Criticism between culture and system. In: *The world, the text and the critic*. London: Faber & Faber, 1984.

⁷ BHABHA, Homi. *Nation and narration*. London: Routledge, [s.d.]

⁸ VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento* – O continente. São Paulo: Globo, 1994.

A obra *O tempo e o vento* do escritor Érico Veríssimo é formada pela trilogia *O continente*, *O retrato* e *O arquipélago*, ao todo sete volumes, em algumas edições, que narram o início da formação do Estado do Rio Grande do Sul, desde as Missões Jesuíticas, por volta de 1745, no início das guerras guaraníticas iniciadas quando o Tratado de Madri, anula o Tratado de Tordesilhas e troca Sacramento para os Espanhóis e a região das Missões, assim como todo o território brasileiro para os portugueses. A obra se estende numa linha de tempo até 1945, em pleno Estado Novo.

Personagens reais da história do Brasil e ficcionais contam a história das famílias Terra/Cambará iniciada com Pedro Missioneiro, um índio nascido e criado nas Missões de São Miguel, e Ana Terra, uma paulista de Sorocaba, que migrou com os pais e irmãos para a região do extremo sul do Brasil onde as fronteiras eram chamadas de *campos neutrais* ou *terras devolutas*, ora castelhanas, ora portuguesas. Na verdade, um imenso território de ninguém, onde apenas o vento era livre e senhor. Lá, juntaram-se aos portugueses açorianos mandados do seu Arquipélago com a promessa de ganhar um “quarto de légua em quadro” de terra e quase nenhuma ferramenta para trabalhar, os índios sobreviventes e os espanhóis invasores que, juntos, ajudaram a desenhar uma fronteira que só foi definida há pouco mais de cem anos:

Por esse tempo muito povo descia para o Continente, cujas terras e gados seriam de quem primeiro chegasse. Homens de Laguna, de São Paulo, das Minas Gerais e do planalto curitibano desciam pelos caminhos das tropas. Muitos navegavam os rios em busca de ouro e prata. [...] Muitos requeriam sesmarias. Outros roubavam terras. Ladrões de gado aos poucos iam virando estancieiros. Nasciam povoados nos vales e nas margens daqueles muitos rios [...] as patas dos seus cavalos, suas armas e seus peitos iam empurrando as linhas divisórias do Continente do Rio Grande de São Pedro. Queremos as ricas campinas do oeste e as grandes planícies do sul! Pelos campos do Rio Pardo iam entrando na direção do poente, demandando as Missões. Ou desciam costeando as grandes lagoas, rumo ao Prata. Em todas as direções penetravam na terra dos minuanos, tapes, charruas, guenoas, caaguas, guaranis e guaranáis, a Fronteira marchava com eles. Eles eram a fronteira.⁹

Na maior parte da obra, o cenário é a cidade de Santa Fé, lugar onde nasce a família Terra Cambará, personificada nas figuras do Capitão Rodrigo e de Bibiana, neta de Ana Terra. Santa Fé é o local, que, no entendimento de Homi Bhabha ganha o significado simbólico de “localidade”, que se posiciona mais em torno da temporalidade do que sobre a historicidade:

⁹ VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento – O continente*. São Paulo: Globo, 1994, p.64-65.

...uma forma de vida que é mais complexa que “comunidade”, mais simbólica que sociedade, mais conotativa que país [...] mais mitológica que a ideologia, menos homogênea que a hegemonia [...] mais coletiva que o sujeito, mais psíquica do que a civilidade, mais híbrida na articulação de diferenças culturais...”¹⁰

Santa Fé é a localidade-terra, de ninguém, descampado que abrigou por pelo menos dois séculos revoluções, invasões e lutas pela terra, as guerras internas como a Farroupilha e a Federalista, e as externas como a Guerra do Paraguai e a Guerra contra Rosas, que deixaram marcas profundas na vida e na identidade dos gaúchos, ou dos povos do Prata de forma geral. Essa gente é personagem de *O tempo e o vento*, narrativa que acaba por ser um dos mitos fundacionais de um tempo e de um lugar sem povo nem fronteiras definidas por séculos.

A ferro e fogo é uma narrativa mais realista, e que mimetiza a mesma história a partir de um outro viés. Enquanto Érico Veríssimo centra o foco narrativo primeiramente no índio, no espanhol e no português açoriano como povoadores da região, Josué Guimarães investiga e pormenoriza a circunstância humana da colonização alemã, iniciada no século XVIII, construindo, a partir do penoso cotidiano e das condições mais adversas, a saga da colonização alemã.

Em *Tempo de solidão*, o primeiro volume do que seria uma trilogia, um narrador em terceira pessoa, onisciente e onipresente, acompanha os caminhos da família Schneider, trazida da Alemanha como parte de um programa para povoar as imensas e vazias terras do Continente do Rio Grande de São Pedro, com promessas de terras e vida digna. Daniel Abrahão e Catarina constroem seus frágeis sonhos instalando sua estância em terras entre as Lagoas Mirim e dos Patos, exatamente na faixa de terra disputada por portugueses e espanhóis:

Catarina e Daniel Abrahão desceram, o filho pulou da carroça, os três circunvagando o olhar pela paisagem deserta, curiosos, pois ali fundariam uma estância, o nome se veria depois; ergueriam as suas casas, os galpões, plantariam árvores e sementes, hortaliças e trigo. Catarina sentou na grama, derramando a barriga por cima das coxas; estava com os olhos úmidos, mas disposta a não chorar. Daniel Abrahão foi ajudar os escravos a escolher o melhor sítio para construir o rancho principal. Soltos, os animais ficaram por ali pastando. O índio descarregando as tralhas, dois negros armados de facões saíram em

¹⁰ BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p.199

busca de árvores nos caponetes, as negras reunindo gravetos para um começo de fogo, havia muito que passara o meio-dia.¹¹

Os eventos atropelam a história e, sem que as personagens entendam, as lutas pela terra invadem o espaço familiar. Não há sonho possível. Catarina esconde Daniel e os filhos em um poço enquanto, como Ana Terra, enfrenta sozinha a violência de portugueses e espanhóis; não há lado a defender a não ser a própria vida. A solidão daquele espaço só era quebrada pela guerra. A consciência do absurdo começava pela própria vida, iniciada em Hamburgo, na Alemanha e desperdiçada naquele descampado, e continuava na impossibilidade de compreender qualquer realidade fora da própria língua que trouxeram com os poucos pertences, o mais rico de todos, o único capaz de lembrar-lhes quem eram.

O segundo volume da trilogia, *Tempo de guerra*, continua a saga da família Schneider. Phillip Schneider, filho mais velho do casal, luta em duas guerras: A Revolução Farroupilha e a Guerra do Paraguai. Volta para casa sem honrarias, querendo apenas o esquecimento no sono:

O minuano penetrava pelas frestas, sibilando, a salinha iluminada pelas chamas fortes do fogão, Catarina a embalar o pequeno Jacob, empurrando o berço de madeira crua, lavrado por Emanuel. Os outros filhos dormiam, ela não escutava a voz do marido sob o alçapão de onde saía, ainda, um pouco de luz. Seu pensamento errava por paisagens desconhecidas, a sombra errante e fugidia de Phillip, ora a dormir sobre a terra molhada, imensos charcos, a cama era o limo das águas podres onde boiavam pelegos mofados e murchos, o frio atravessando os ossos; ora Phillip a cavalo, um vulto debaixo de grande capa tocada de vento, um ponto perdido numa estranha planície deserta, grandes e serenos pássaros boiando em nuvens de chuva.¹²

Tempo de angústia seria o volume que completaria a trilogia de *A ferro e fogo*. Josué Guimarães morreu antes de concluir o romance que trataria de um dos mais trágicos desfechos da história dos colonos alemães no Rio Grande do Sul: a revolta dos *Muckers*, um conflito gerado por um movimento messiânico liderado por Jacobina Maurer e seu marido, João Maurer. Enquanto emigrantes alemães estabelecidos nas cidades prosperavam e formavam uma elite comercial e influente, a colônia rural estava abandonada, sem as condições prometidas pelo império. Como não falavam o português, as dificuldades eram enormes. A cidade de Sapiranga foi o palco do conflito que envolveu, de um lado, emigrantes alemães filiados a Igreja Católica, e de outro,

¹¹ GUIMARÃES, Josué. *A ferro e fogo – tempo de solidão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p.24.

¹² _____. *A ferro e fogo – tempo de guerra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

protestantes pertencentes ao que vem a ser hoje a Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Os *muckers*, que significa falso santo, acreditavam nos poderes messiânicos de Jacobina e passaram a atacar aqueles que se opunham ao movimento. Em agosto de 1874, Jacobina e seus seguidores, encurralados no Morro do Ferrabraz, foram chacinados pelas tropas do governo, constituindo-se uma história que até hoje fere a memória dos descendentes dos emigrantes da região. Alguns dos sobreviventes tiveram participação também em Canudos.

Essa história está presente em muitas narrativas de alguns escritores brasileiros, entre eles, Luiz Antonio de Assis Brasil na sua obra, *Videiras de cristal*, que recentemente foi transformada em filme sob o título de *Jacobina*.

Assis Brasil é também o autor da trilogia, *Um castelo no pampa*, formada pelos volumes *Perversas famílias*, *Pedra da memória* e *Os senhores dos séculos*. Nessa obra, ao contrário das outras duas, a narrativa percorre pela história da formação da aristocracia rural do Rio Grande do Sul. São personagens que se colocam na frente do palco que encenará não só a história de formação daquela região, mas da nação de uma forma geral, forjada na figura de caudilhos e influentes estadistas.

A obra se constrói em torno de um castelo medieval construído em pleno pampa gaúcho por um descendente de portugueses açorianos que enriquece a família por muitas gerações. O Dr. Olímpio, proprietário do castelo, originalmente planejado por seu pai, João Felício, conclui a obra para ser oferecido a uma nobre austríaca, a condessa Charlotte com quem se casa. A trama resulta em outro mito de origem, envolvendo ancestrais e descendentes desses personagens, sendo o próprio castelo a testemunha principal do que acontece sob suas paredes. Segredos familiares e políticos ajudam a montar a história do Rio Grande do Sul e do Brasil, na figura do grande estadista em que se transforma a principal personagem:

A grande novidade, o grande espanto, o verdadeiro delírio, era um castelo republicano, erguido em meio ao pampa gaúcho, de duas torres e ameias, que se avistava ao longe como uma sombra medieval e cuja tenaz persistência em aplastar os incrédulos corporificava-se em sua estatura elevada, prodígio arquitetônico da orgulhosa cantaria portuguesa talhada aos pés seculares de Alcoçaba e trazida em um balouçante navio com lastro pétreo de ladrilhos e azulejos e aqui posta em seus demarcados lugares por um artista francês. O restante era da terra – cubos de basalto e grés, caixilhos de pau-ferro, cremonas de aço incorruptível e, para os cômodos internos, tabuões de espinilho e marchetaria de madeiras várias. Para o encanto dos olhos havia os vidros belgas com ardente lavrados de raminhos *art-nouveau*; dos placares pendiam cortinas de seda e damasco e que, ao contrário do que se poderia esperar, não “coavam docemente a luz tórrida dos verões”,

mas submergiam a Biblioteca – de dois andares, com uma obscuridade de ferro a dividi-los – em uma obscuridade sufocante, mais propícia à elocubrações do Doutor do que à leitura atenta dos 25000 volumes encadernados em marroquim verdolengo e lombadas com letras em ouro doze quilates.¹³

Amores escondidos, vícios, acordos políticos, tratados de paz assinados, História e mitos se confundem na narrativa que expõe as mazelas familiares e políticas de um tempo largo que abrange alguns séculos, de eventos que ajudam a definir o caráter de um povo e as fronteiras geográficas de uma nação. Porém, é um tempo em que os homens decidem e fazem as guerras, fossem as internas, não mais castelhanos e portugueses, mas chimangos e maragatos, fosse o povo e as ditaduras que se estabeleceram no Brasil; fossem as externas com Hitler amedrontando o mundo. Da sociedade pelotense à carioca, a narrativa mostra um Rio Grande que se expandia, não mais em direção as fronteiras espanholas, mas em direção ao resto do Brasil. Personagens históricos transitam pelo castelo do pampa decidindo os destinos nacionais, suas paredes testemunham reuniões secretas com Getúlio Vargas ou servem de abrigo à fuga de João Goulart para a fronteira próxima do Uruguai.

As três obras enfocam um tempo mitológico, da origem de uma nação que se firmaria como estado. Porém, marcadamente, o espaço das narrativas aponta para uma das várias identidades culturais que formam o Brasil na atualidade. O sentido de “localidade” está fortemente marcado nas personagens dessas obras que ocupam esse espaço-nação, não como um espaço único, mas como espaços diferenciados de diferentes heranças culturais e, por isso mesmo, enriquecedores do espaço comum, chamado nação:

Escrever a história da nação exige que articulemos aquela ambivalência arcaica que embassa o “tempo” da modernidade. Podemos começar questionando a metáfora progressista da coesão social moderna – “muitos como um” – compartilhada por teorias orgânicas do holismo da cultura e da comunidade e por teóricos que tratam gênero, classe ou raça como totalidades sociais que expressam experiências coletivas unitárias.¹⁴

O autor aponta para uma espécie de necessidade de homogeneização no processo de construção da idéia de nação quando na verdade são justamente as diferenças que definem as heranças culturais e a idéia de pertencimento.

¹³ ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. *Um castelo no pampa – perversas famílias*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994, p.9-10.

¹⁴ BHABHA, Romi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p.203.

***De muitos, um:* em nenhum outro lugar essa máxima fundadora da sociedade política da nação moderna – sua expressão espacial de um povo unitário – encontrou uma “imagem” mais intrigante de si mesma do que nas linguagens diversas da crítica literária, que buscam retratar a enorme força da idéia de nação nas exposições de sua vida cotidiana, nos detalhes reveladores que emergem como metáforas da vida nacional.¹⁵**

Bhabha discute, entre outras coisas, a metáfora recorrente da paisagem como paisagem interior da identidade nacional. No caso dessas narrativas, a fronteira se coloca como paisagem-metáfora. E ela não é só geográfica, é humana e emocional. Esses homens e mulheres que foram conduzidos, seja por políticas povoadoras, seja por desejo de aventura ou apelo da terra a ser possuída, para esse extremo meridional do Brasil, assumiram essa paisagem e se tornaram eles mesmos a fronteira. Como o sertão, a fronteira está em toda parte. “O tempo nacional torna-se concreto e visível no cronótopo do local, do particular...”, nos faz refletir o autor.

Há, ainda, uma outra reflexão, quando as narrativas estabelecem as heranças culturais dos povos reunidos na geografia do pampa: ao índio, ao espanhol e ao português, juntaram-se os alemães e italianos entre outras etnias, todos cruzando as suas próprias fronteiras culturais para se adequar a nova terra, mas ainda assim mantendo as suas crenças e rituais, os seus hábitos e línguas:

A fronteira que assinala a individualidade da nação interrompe o tempo autogerador da produção nacional e desestabiliza o significado do povo como homogêneo. O problema não é simplesmente a “individualidade” da nação em oposição à alteridade de outras nações. Estamos diante da nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população.¹⁶

Assim, temos nessas três obras, personagens que singularizaram e significaram o plural das gentes que povoaram esses campos neutrais e que desenharam essas fronteiras. Mulheres como Ana Terra ou Bibiana, de *O tempo e o vento*, ou Catarina de *A ferro e fogo*, mimetizaram as mulheres fortes que, como emigrantes, enfrentaram o frio e a violência das guerras e que provavelmente Érico Veríssimo e Josué Guimarães as reconheceram nas mulheres ancestrais das suas próprias famílias. Em *Um castelo no pampa*, temos o poder do caudilhismo herdado das sagas familiares e dos homens que alargaram a fronteira em tantas lutas, representado na figura do Dr. Olympio e seu

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem, p.209.

castelo. Descendente dos povoadores, era agora ele quem ajudava a decidir os destinos políticos da nação. Ele, um senhor dos séculos. Em comum aos personagens dessas três obras o fato de que, apesar do sofrimento suportado, não se reconhece neles oprimidos e opressores. Pedro Missioneiro, Ana Terra, Daniel Abrahão e Catarina não se diferenciam do personagem do Dr. Olímpio no que se refere às escolhas. Não se trata de personagens oprimidos pela história injusta de um lugar e de um tempo a ser construído e que obrigatoriamente divide fracos e fortes. Todos são fortes, todos atores, não há oprimidos nessas histórias porque todos são senhores das suas escolhas. Escolheram ocupar e pertencer a um lugar e torná-lo seu.

Essas narrativas contam a mesma história que fala de emigrantes ou migrantes, que num tempo remoto, deixaram para trás uma outra geografia para estabelecer os seus sonhos numa terra incerta a qual seus descendentes viriam a chamar de nação. Encheram os seus vazios e os vazios dos campos com os seus rituais e descendentes que receberam de herança um legado de memórias “A nação preenche o vazio deixado pelo desenraizamento de comunidades e parentescos, transformando esta perda na linguagem da metáfora.”¹⁷, e optaram pagar pelo preço cobrado pela História.

No lugar preciso onde o Pai do Doutor quis um dia construir, havia em outras eras o pampa e quero-queros. No exato ponto onde ficaria a Biblioteca, várias gerações de serpentes fizeram suas tocas. E onde, pelo traçado, se abriria a sala de jantar, uma avestruz pôs um ovo, quinhentos anos antes. Não um ovo comum, mas talvez aquele que continha o germe do Pecado. Um índio minuano correu, arrebatou o ovo antes que outro índio, também alvoroçado, o fizesse. Lutaram. Ambos morreram. E a casca do ovo partiu-se e a gema escoou por um buraco: cinco séculos depois, naquele buraco correria um fio elétrico preso a uma campanha posta debaixo de uma mesa, onde a Condessa, premindo o pé, chamaria as criadas.¹⁸

¹⁷ Idem , p.109.

¹⁸ ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. Um castelo no pampa – perversas famílias. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994, p.17.

Referências bibliográficas:

- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. **Um castelo no pampa – Perversas famílias**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- _____. **Um castelo no pampa – Pedra da memória**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- _____. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. **Um castelo no pampa – Os senhores do século**
- BHABHA, Homi. **Nation and narration**. London: Routledge, [s.d.]
- _____. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- HUTCHEON, Linda. **A poética do pós-modernismo – história, teoria e ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- GUIMARÃES, Josué. **A ferro e fogo – tempo de solidão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p.24.
- _____. **A ferro e fogo – tempo de guerra**. São Paulo: LPM, [s.d.].
- RENAN, Ernest. **What is a nation ?** in BHABHA, Romi. *Nation and narration*. London: Routledge, [s.d.].
- SAID, Edward W. **Criticism between culture and system**. In: *The world, the text and the critic*. London: Faber & Faber, 1984.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Can be subaltern speak?** In ASCROFT: GRIFFITHS & TIFFIN (Eds.) *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1995.
- VERÍSSIMO, Érico. **O tempo e o vento – O continente I**. São Paulo: Globo, 1994.
- _____. **O tempo e o vento – O continente II**. São Paulo: Globo, 1994.
- _____. **O tempo e o vento – O retrato I**. São Paulo: Globo, 1994.

Lúcia Helena Marques Ribeiro*

Possui graduação, mestrado e doutorado em Letras/Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com dissertação e tese com ênfase em Literatura Portuguesa onde investigou temas como emigração, identidade cultural e nacionalismo, pós-colonialismo, e pós-modernidade. Foi professora do Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília por seis anos. É professora adjunta da Universidade de Brasília atuando na área de Literaturas de Língua Portuguesa.